



FLEBITE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO DOMICILIAR: PREVENÇÃO E MANEJO

Larissa Ayanna Pessoa Santos, Martha Maria Romeiro Fonseca, Cristhiane Costa, Marcela Baade de Oliveira, Sérgio Luiz Sônego, Renata Frazão, Luciana Garcia dos Santos, Pedro Guimarães Sampaio Trajano dos Santos, Luciano Barreto Silva, Rita de Cássia Cavalcanti Brandão.



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n3p1729-1734>

Artigo recebido em 12 de Fevereiro e publicado em 22 de Março de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

A flebite, caracterizada pela inflamação das veias, é uma complicação frequente associada ao uso de cateteres venosos periféricos (CVP) e cateter venoso central de inserção periférica (PICC). No ambiente da atenção domiciliar, a prevenção e o manejo adequado dessa condição são essenciais para garantir a segurança e o bem-estar dos pacientes. Altas taxas de flebite podem estar diretamente relacionadas à qualidade do cuidado prestado e ao desconhecimento dos fatores de risco (OLIVEIRA et al., 2016). No entanto, taxas reduzidas nem sempre refletem uma assistência de excelência, podendo ser resultado da ausência de indicadores institucionais confiáveis (OLIVEIRA; PARREIRA; MÓNICO, 2014). Diante disso, este artigo discute os principais fatores de risco, estratégias de prevenção e desafios na mensuração da incidência de flebite em cuidados domiciliares.

Palavras-chave: Flebite, Atenção domiciliar, Prevenção, Manejo, Terapia intravenosa

Autor correspondente: Pedro Guimarães Sampaio Trajano dos Santos - pedroguimaraessampaio@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A terapia intravenosa é amplamente utilizada na atenção domiciliar para administração de medicamentos, hidratação e nutrição parenteral. Entretanto, sua utilização pode levar a complicações, sendo a flebite uma das mais frequentes e subnotificadas. De acordo com Oliveira et al. (2016), altas taxas de flebite geralmente indicam fragilidades na qualidade assistencial, seja pela falta de capacitação da equipe, pela inadequação dos materiais utilizados ou pela não adesão a protocolos de prevenção para dar continuidade a permeabilidade do acesso.

Por outro lado, taxas reduzidas de flebite podem não significar uma assistência de qualidade, mas sim a ausência de monitoramento eficaz e de indicadores confiáveis que reflitam a realidade institucional (OLIVEIRA; PARREIRA; MÓNICO, 2014). Assim, o desafio na atenção domiciliar não está apenas na prevenção da flebite, mas também na construção de um sistema de avaliação contínua, que permita identificar falhas no cuidado e propor melhorias baseadas em evidências.

REVISÃO DE LITERATURA

Fatores de Risco para Flebite

A ocorrência de flebite está relacionada a múltiplos fatores, incluindo:

- **Características do Cateter:** O calibre e o material do cateter influenciam na irritação venosa (OLIVEIRA et al., 2016).
- **Técnica de Inserção:** Falhas na assepsia e punções inadequadas aumentam o risco (SILVA; SCHILLING, 2016).
- **Soluções Infundidas:** Soluções irritantes ou hipertônicas elevam a chance de inflamação venosa (OLIVEIRA et al., 2014).
- **Tempo de Permanência do Cateter:** Quanto maior o tempo de permanência, maior o risco de flebite (BRAGA et al., 2014).



- Monitoramento Deficiente: A falta de avaliação periódica da inserção do cateter favorece a evolução da flebite e curativo adequado para visualização do sítio de inserção (COSTA; CRUZ, 2014).

A ausência de conhecimento desses fatores por parte dos profissionais da atenção domiciliar pode resultar no aumento da incidência de flebite, comprometendo a qualidade do cuidado e o conforto dos pacientes (OLIVEIRA et al., 2016).

Prevenção e Manejo

A prevenção da flebite deve ser pautada em boas práticas clínicas, incluindo:

- Uso de cateteres de menor calibre possível e materiais biocompatíveis: A seleção adequada do cateter pode reduzir a irritação venosa (SILVA; SCHILLING, 2016).
- Técnica asséptica rigorosa durante a inserção e manutenção do dispositivo: A adoção de protocolos de assepsia é fundamental para minimizar riscos (OLIVEIRA; PARREIRA; MÓNICO, 2014).
- Monitoramento contínuo do sítio de inserção e troca do cateter conforme protocolos institucionais: A avaliação regular permite a detecção precoce de sinais de complicações, com escalas para comparativo diário (BRAGA et al., 2014).
- Capacitação contínua da equipe de saúde para identificação precoce e manejo adequado da flebite: Profissionais bem treinados são essenciais para a prevenção eficaz (COSTA; CRUZ, 2014).

Desafios na Mensuração da Qualidade do Cuidado

Embora altas taxas de flebite indiquem falhas assistenciais, baixas taxas podem ser ilusórias e não necessariamente sinalizam um atendimento de qualidade. A falta de indicadores institucionais confiáveis pode mascarar a real incidência de complicações,



dificultando a implementação de estratégias de melhoria contínua (OLIVEIRA et al., 2016).

Portanto, a atenção domiciliar deve investir não apenas na prevenção da flebite, mas também no desenvolvimento de indicadores padronizados e na cultura de monitoramento da qualidade do cuidado prestado (OLIVEIRA; PARREIRA; MÓNICO, 2014).

CONCLUSÃO

A flebite continua sendo um desafio significativo na atenção domiciliar, com impactos diretos na segurança do paciente. O desconhecimento dos fatores de risco e a ausência de monitoramento adequado podem comprometer a qualidade assistencial. Assim, além da adoção de medidas preventivas eficazes, é essencial que instituições de home care implementem sistemas confiáveis de notificação e análise de indicadores, garantindo um cuidado mais seguro e baseado em evidências.

REFERÊNCIAS

BRAGA, L. M. et al. Fatores de risco para flebite: um estudo com questionário aplicado a enfermeiros de um hospital português. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 22, n. 6, p. 1058-1066, nov./dez. 2014.

COSTA, P. J. S.; CRUZ, A. A incidência de flebite associada ao uso de cateter venoso periférico: revisão sistemática. *Revista de Enfermagem Atual*, v. 78, p. 30-41, 2014.

OLIVEIRA, A. P. R. et al. Fatores de risco para o desenvolvimento da flebite: revisão integrativa. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. e68773, out./dez. 2016.



OLIVEIRA, A. S.; PARREIRA, P. M. S. D.; MÓNICO, L. S. M. Flebite em terapia intravenosa: fatores de risco e medidas preventivas. *Revista Portuguesa de Enfermagem*, v. 29, p. 110-125, 2014.

SILVA, R. M.; SCHILLING, M. C. L. Avaliação da qualidade assistencial em terapia intravenosa: incidência de flebite em hospital de referência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 4, p. 725-731, jul./ago. 2016.